



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho



revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 16, n. 6, art. 6, p. 121-139, nov./dez. 2019

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2019.16.6.6>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



O Ensino do Pole Dance na Escola: Desafios e Possibilidades

Pole Dance Teaching at School: Challenges and Possibilities

Deyvid Tenner de Souza Rizzo

Doutor em Ciências do Desporto pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Professor Adjunto na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
E-mail: deyvidrizzo1@gmail.com

Rogério Zaim de Melo

Doutor em Ciências Humanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Professor Adjunto na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
E-mail: rogeriozmel@gmail.com

Ana Paula Moreira de Sousa

Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados
Mestra em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados
Professora nas Faculdades Magsul
E-mail: profap.educ@gmail.com

Carlo Henrique Golin

Doutor em Educação Física Universidade Católica de Brasília
Professor Adjunto na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
E-mail: carlohenriquegoli@hotmail.com

Endereço: Deyvid Tenner de Souza Rizzo

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Unidade I
- Av. Rio Branco, 1270 - Universitário, Corumbá - MS,
79304-902, Brasil.

Endereço: Rogério Zaim de Melo

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Unidade I
- Av. Rio Branco, 1270 - Universitário, Corumbá - MS,
79304-902, Brasil.

Endereço: Ana Paula Moreira de Sousa

R. João Rosa Góes, 1761 - Vila Progresso, Dourados -
MS, 79825-070Brasil.

Endereço: Carlo Henrique Golin

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Unidade I
- Av. Rio Branco, 1270 - Universitário, Corumbá - MS,
79304-902, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

**Artigo recebido em 03/06/2019. Última versão
recebida em 18/06/2019. Aprovado em 19/06/2019.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O estudo é de natureza qualitativa, uma pesquisa-ação, que busca discutir os conceitos e a prática do esporte Pole Dance na escola. Objetiva desenvolver e propor uma possibilidade pedagógica para a aprendizagem desse esporte na escola com base na teoria interacionista, considerando que não existem “modelos” vigentes nos dias atuais. Consideramos que a pedagogia de ensino do Pole Dance na escola deve estar pautada nas diferentes dimensões enquanto conteúdo da Educação Física escolar, sobretudo a conceitual, procedimental e atitudinal. O Pole Dance pode ser desenvolvido pedagogicamente nas escolas, inclusive reconhecido hoje como uma modalidade esportiva, mesmo considerado atípico e pouco usual na Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física. Esporte. Ensino.

ABSTRACT

The study is qualitative in nature, an action research that seeks to discuss the concepts and practice of Pole Dance sport in school. It aims to develop and propose a pedagogical possibility for the learning of this sport in the school based on the interactionist theory, considering that there are no "models" in force today. We believe that the pedagogy of teaching Pole Dance in school should be based on different dimensions as content of school physical education, especially conceptual, procedural and attitudinal. Pole Dance can be developed pedagogically in schools, even recognized today as a sporting modality, even considered atypical and unusual in Physical Education.

Keywords: Physical Education. Sport. Teaching.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais os professores têm dificuldade em incorporar os esportes como conteúdos pedagógicos na escola (GALAK; SERRA, 2019). Em especial, o professor de Educação Física (EF) deve pautar sua prática pedagógica com metodologias flexíveis, para inclusão, por meio do esporte (BENTO, 2006; RIZZO, 2017; SCAGLIA; REVERDITO, 2009). Vale ressaltar que para uma possível prática inclusiva, o professor precisa compreender a necessidade de romper com práticas homogeneizadoras e que não possibilitam procedimentos adaptativos e/ou criativos sobre o processo didático e pedagógico, particularmente quanto ao fenômeno esportivo na escola.

No entanto, há décadas destaca-se a necessidade de superar a hegemonia da abordagem tradicional de ensino dos esportes, também chamada de metodologia tecnicista, que se baseia em métodos empiristas e inatistas (BORGES *et al.*, 2017; DALBEN; JÚNIOR, 2018; GALATTI *et al.*, 2014; MILISTETD *et al.*, 2017).

Estudos indicam a importância da análise do desenvolvimento pedagógico para o ensino do esporte para a sociedade em geral (BENELI; PRONI; MONTAGNER, 2016; KRAVCHYCHYN; OLIVEIRA, 2016; ZARDO; SOUZA; STAREPRAVO, 2018). A pedagogia do esporte leva em consideração o processo de estudo sobre as possibilidades do ensino da prática esportiva, nesse processo ocorre a sistematização e organização sobre o ensino de valores, aplicação e avaliação de diversos sentidos por meio dos quais o esporte pode se manifestar na sociedade. Deste modo, os atores que encenam a pedagogia do esporte devem assumir o compromisso de ensinar o porquê, para que e como ensinar o esporte além das fronteiras que os alunos já conhecem.

Nesse estudo, os pontos metodológicos passam por diferentes caminhos constituídos sobre a luz da teoria interacionista e suas tendências no processo de ensino e aprendizagem (humanista, sociocultural e cognitiva). Na proposta da abordagem interacionista, no âmbito da Educação Física escolar, temos como principal colaborador o professor João Batista Freire, que teve seu livro “Educação de corpo inteiro” (FREIRE, 1989), com a proposta metodológica em oposição à teoria mecanicista e dualista, que tinha somente como característica o alto desempenho dos alunos.

Corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo (FREIRE, 1989), e a crítica fica por conta do contexto escolar, que apenas adentra por meio do movimento e dificulta a formação e o desenvolvimento integral, de corpo todo do aluno. Assim, no presente trabalho assumimos a missão de romper paradigmas e “pré-

conceitos” da área de Educação Física escolar, centrado no desenvolvimento dos esportes tradicionais, principalmente oferecendo, analisando e discutindo uma “nova” prática esportiva no âmbito escolar brasileiro, neste caso o Pole Dance.

Nesta corrente, a linguagem e as interações sociais são elementos cruciais na formação da consciência humana (VYGOTSKY, 1996). Ao enfatizar novas tendências que superem a pedagogia tradicional, influenciada pelas teorias empiristas e inatistas, pautada por métodos analíticos e sintéticos, assumimos a missão de romper paradigmas, no modo de pensar e fazer Pole Dance, nesse caso, como uma prática esportiva no âmbito escolar.

Se o problema metodológico é de ordem paradigmática, não é possível modificar a metodologia, sem alterar a forma de pensar o processo. Sob essa perspectiva, os princípios ditam que o processo de ensino do esporte na escola deve ser centrado na lógica que aproxima as diferentes modalidades. Por exemplo, analisar o processo com base nas competências para a prática, na inteligência interpretativa e na tomada de decisão (SCAGLIA, 2014).

Com base nesses pressupostos, nosso estudo tem por objetivo principal descrever uma experiência (opção) didático pedagógica para a aprendizagem do Pole Dance nas aulas de Educação Física escolar, especialmente se baseando na teoria interacionista. Portanto, ao considerar que não existem modelos vigentes nos dias atuais para trabalhar esse conteúdo, uma vez que a modalidade impregna consigo uma imagem de grande impacto social, por ser considerada uma prática reduzida à erotização, nos desafiamos em trabalhar essa manifestação corporal não convencional para a Educação Física escolar. Neste sentido de superação, utilizamos a pedagogização do esporte ao propormos o Pole Dance como opção de conteúdo nas aulas, especialmente para realizar as intervenções necessárias na consumação dessa prática no contexto escolar.

Destacamos que durante o processo de seleção do local para a proposta de pesquisa-ação, constatamos temores de gestores escolares em relação à prática do esporte Pole Dance no âmbito da escola, talvez por não se tratar de um esporte popular na sociedade e ser rodeado de rótulos pejorativos e estereotipados, elementos que o reduzem e conduzem à erotização desmedida. Lembramos que, no contexto social, o Pole Dance já é cogitado para ser uma das novas modalidades esportivas presentes nas Olimpíadas de Tóquio 2020¹. Inclusive teve um reconhecimento oficial promovido pela GAISF (Global Association of International Sports

¹ Ver mais detalhes nos seguintes links:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41639541>

https://www.gazetaonline.com.br/esportes/mais_esportes/2017/10/pole-dance-poker-e-toto-mais-novidades-no-programa-olimpico-1014104189.html

Federation). Segundo essa entidade, essa “modalidade” associa os movimentos presentes na dança com diferentes acrobacias da ginástica².

Nesse sentido, consideramos que as ações no interior da escola pautam-se por valores e procuram se adaptar ao sistema dentro do qual está implantada. Portanto, é a sociedade que constitui a escola e não ao contrário, pois a escola é um instrumento de reprodução e, por isso mesmo, manutenção do sistema vigente. Portanto, questionamos: como o Pole Dance poderia ser ensinado na escola?

Em busca de possíveis respostas à indagação anterior, formalizamos e realizamos a pesquisa-ação, bem como descrevemos uma proposta (opção) metodológica de ensino que garantisse uma maneira segura e eficaz de vivenciar esse esporte na escola.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A pedagogia do esporte para o ensino do Pole Dance

Algumas escolas, professores e pais, devido à falta de conhecimento das fases de maturação da criança e aspectos relevantes à motricidade, iniciam muitos esportes de forma desordenada na vida de crianças e jovens (FLORES *et al.*, 2019). Cremos que o Pole Dance pode ser desenvolvido na escola, baseado na teoria interacionista, rompendo o paradigma de erotização desmedida, qualificando-se como modalidade esportiva, que pode ser vivenciada na escola, principalmente no contexto das aulas de Educação Física.

Consideramos que o Pole Dance pode ser entendido no campo esportivo como um fenômeno social integrado na sociedade, por isso apregoamos a ideia de uma democratização de sua prática, sobretudo quando pensamos nas novas gerações, responsáveis, em primeira instância, pelas futuras mudanças sociais e pela renovação dos valores e tradições.

Para compreendermos o Pole Dance, é necessário conhecermos um pouco da sua história, que se dá a partir do século XII. Segundo dados históricos, o Pole Dance teve sua origem no chamado *Mallakhamb* (homem de força), uma espécie de ioga praticada num poste de madeira com cordas, numa espécie de ginástica tradicional indiana (HOLLAND, 2010).

O Pole Dance teve maior visibilidade a partir de 1920, no ápice da Grande Depressão Americana, os *Tour Fair Shows* (que se originaram do negócio dos *tours* de circo) viajavam

² Mais informações no link: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/pole-dance-foi-reconhecido-como-esporte-e-pode-aparecer-nas-olimpiadas>.

de cidade em cidade divertindo as multidões. Como parte do espetáculo principal, também existiam outros *shows* paralelos em tendas pequenas ao redor do circo principal (HOLLAND, 2010; PARIZZI, 2008).

O Pole Dance “moderno” começou a ser documentado somente a partir dos anos 1980, no Canadá. Entre os anos de 1960 e 1970 muito pouco aconteceu ou foi documentado, foi quando o *striptease* e *poledancing* se tornaram populares no Canadá e nos Estados Unidos (PARIZZI, 2008).

Levando em consideração que a mentalidade e a atitude das pessoas em relação ao Pole Dance podem mudar gradativamente, ainda existe no geral uma relutância na sociedade em aceitar o Pole Dance como uma atividade física ou esportiva, sobretudo associada à erotização e/ou *striptease*.

O Pole Dance atualmente constitui uma modalidade de exercício físico e dança, que envolve movimentos ao redor de uma barra vertical de metal polido. Essa modalidade incorpora movimentos de ginástica olímpica, movimentos livres, *ballet* e dança contemporânea, em dimensões diferentes, que incluem posições estáticas e em movimento, recrutando diferentes habilidades motoras ao fazer uso da barra e/ou fora dela.

Ao enfatizarmos novas tendências que superem a pedagogia tradicional, influenciada pelas teorias empiristas e inatistas, pautadas por métodos analíticos e sintéticos, assumimos a missão de romper paradigmas no modo de pensar e fazer Pole Dance, nesse caso, como uma prática esportiva no âmbito escolar.

Nesse contexto, o professor de Educação Física é um dos grandes responsáveis pela interação dos alunos no meio escolar, propiciando a eles um ambiente saudável e seguro para e pelo esporte (COSTA *et al.*, 2017). Para Rizzo (2016), o esporte é um fenômeno social, e para que a união entre esporte e escola seja significativa, é necessário garantir a democratização do desporto em geral, como uma prática social e cultural.

Assim, ensinar o esporte escolar vai muito além do que se imagina, o professor precisa apresentar os valores que uma sociedade harmônica deseja, como respeito mútuo, coragem, determinação e motivação (BARRETO; PERFEITO, 2018; TANI; BASSO; CORRÊA, 2012). O fato do Pole Dance não ser um esporte popular e tradicional na cultura brasileira nos traz o dever de ensiná-lo, não apenas executando movimentos aleatórios e mecânicos, mas difundindo sua importância, história e benefícios, para que assim seja reconhecido como um esporte com valores educacionais e significantes para a vida.

Na ótica da pedagogia do esporte, o tratamento educacional da prática esportiva tem sido marcado por transformações significativas nos dias atuais, as quais começam pela análise

da natureza do jogo, gestão das informações e procedimentos aplicados no âmbito da intervenção, da iniciação, especialização, evolução da *performance*, vivência, recursos, instrumentos e, principalmente, o processo de ensino dos esportes em geral (BETTEGA, 2015; GALATTI *et al.*, 2014; MESQUITA; PEREIRA; GRAÇA, 2009; REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013; SADI, 2010; SOARES; MILLEN NETO; FERREIRA, 2013). Para compreendermos o Pole Dance como uma prática esportiva educacional, é necessário conhecermos sua história, entender o que ele é no presente e o que ele pode nos proporcionar no futuro. Sendo assim, analisamos o Pole Dance como uma prática que no passado manifestava-se somente como um tipo de dança que direcionava a sedução e o lazer para quem o assistia. Entretanto, recentemente trata-se de uma prática esportiva que, aliás, pode ser desenvolvida na escola, com pretensão de ampliar o repertório motor dos alunos, mostrando ser um conteúdo inovador e criativo para as aulas de Educação Física escolar.

Observamos que no ensino do esporte o professor deve propor aos seus alunos novidades constantemente, para que possam desenvolver de forma ampla suas capacidades e competências enquanto corpo inteiro. Portanto, é extremamente salutar propor aos discentes o máximo possível de experiências e vivências novas, para que tenham um amplo conhecimento acerca de muitos esportes, o que possibilita sua inserção em diversos grupos sociais.

3 METODOLOGIA

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Grande Dourados-MS (CAAE: 50341915.4.0000.5160/ Número do parecer: 1.402.554). Foi enviado aos pais dos sujeitos do estudo um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e uma carta de apresentação, os quais foram preenchidos corretamente como pré-requisito para participação dos alunos no estudo.

A pesquisa é de natureza qualitativa, caracterizada como uma “pesquisa-ação” (SOARES; SEVERINO, 2018), pois possibilita que o pesquisador intervenha dentro de uma problemática social, analisando-a e anunciando seu objetivo de forma a mobilizar os participantes, construindo novos saberes.

O questionário como um instrumento de coleta de dados foi validado a partir da avaliação de três especialistas em pedagogia do esporte. Na sequência, no primeiro momento, aplicamos um questionário aos alunos, para compreendermos quais os conhecimentos que tinham sobre o Pole Dance; em seguida, desenvolvemos a prática dos movimentos

característicos do Pole Dance com esses discentes e, por último, aplicamos outro questionário aos envolvidos para analisar os impactos das aulas de Pole Dance a partir de suas percepções.

A escolha do local de pesquisa se deu por conveniência (amostragem não probabilística), por meio de um diálogo prévio com o diretor de uma instituição escolar do estado de Mato Grosso do Sul (MS), na qual aceitou a proposta e assinou um termo autorizando a realização da pesquisa na escola. A escola é situada na cidade de Dourados/MS, num bairro de periferia e atende aos ensinos fundamental, médio e supletivo. Os encontros aconteceram durante 5 dias. A duração média de cada encontro fez 3 horas e realizou-se em uma das salas de aula da escola, no período vespertino, aos sábados.

Os sujeitos da pesquisa foram 15 alunos, sendo 12 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, e o projeto de pesquisa foi aberto para as turmas do 2º e 3º ano do ensino médio. Os alunos foram selecionados de maneira aleatória, logo no primeiro contato lhes foi entregue um termo de assentimento livre e esclarecido, em que os pais também assinaram autorizando a participação. Portanto, resumindo, os protagonistas da pesquisa foram 15 alunos do ensino médio regular de uma escola da rede estadual de Mato Grosso do Sul, com idade entre 15 e 16 anos.

Utilizamos, no tocante às aulas práticas, uma barra de Pole Dance profissional, adquirida pelos pesquisadores numa empresa situada no Rio Grande do Sul, possuindo circunferência de 10 cm² e 2,95 metros de altura, podendo se expandir até 3,05 metros por se tratar de uma barra móvel. Este aspecto material ajudou o desenvolvimento da proposta devido ao fato de que para uma barra fixa seria necessária a furação do teto, o que não seria de bem comum para a escola, já que o espaço é utilizado em múltiplas atividades. As aulas ocorreram dentro de uma sala de aula de aproximadamente 60 metros quadrados, com ar condicionado e ventilador. Também foram utilizados dois colchonetes de propriedade da escola, um aparelho de som e um cabo de áudio.

A ação do projeto da pesquisa dividiu-se em três momentos. No primeiro houve a entrega do questionário, para que os alunos o respondessem individualmente na sala de aula, acompanhados pelos pesquisadores. Recolhidos os questionários, partimos para o segundo momento, ou seja, a prática motora de movimentos característicos do Pole Dance, na qual desenvolvemos uma implementação de ensino sustentada pela “teoria interacionista” (DARIDO; RANGEL, 2005). Destarte, buscamos organizar os encontros baseados nas três dimensões do conteúdo (conceitual, procedimental e atitudinal). E, por fim, o terceiro momento, no último dia de aula, aplicamos um questionário, com o intuito de anotar alterações ou não da percepção dos alunos em relação à prática do Pole Dance.

No que tange à dimensão conceitual, buscamos propor previamente em uma roda de conversa, a história do Pole Dance e sua influência na sociedade, para que os alunos tivessem a convicção da responsabilidade social que o esporte havia adquirido com o passar dos anos; a dimensão procedimental foi caracterizada pela vivência dos movimentos, com ênfase na expressão corporal e o respeito dos limites de cada aluno; a dimensão atitudinal foi desenvolvida com o transcurso das aulas, para a qual organizávamos uma roda de conversa ao final de cada encontro e buscávamos ouvir a opinião dos alunos e o que eles pensavam a respeito da aula e dos aprendizados, e como essa cultura de movimento poderia influenciar seus comportamentos e valores positivos, dentro e fora do contexto escolar. Vejamos no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – As dimensões do Pole Dance

| ANO | CONCEITUAL | PROCEDIMENTAL | ATITUDINAL |
|-------------------------------|--|---|--|
| 2º e 3º ano (Ensino Médio) | <ul style="list-style-type: none"> -História do Pole Dance, quem criou? Onde surgiu? -Quem pode praticá-lo? -Quais os benefícios da prática? -Os nomes de alguns movimentos -As regras do esporte | <ul style="list-style-type: none"> -Posição inicial na barra; -Andar ao redor da barra; -Subir na barra, segurando com as mãos e apoiando com os pés; -Deslizar na barra; -Realizar um giro na barra, segurando com as mãos; -Subir na barra e descer girando; -Inversão do solo para a barra (de baixo para cima); -Inversão de cima da barra (de cima para baixo); -Inversão de solo com giro. | <ul style="list-style-type: none"> -Cooperação -Autoconceito; -Respeito; -Responsabilidade; -Socialização; -Autoestima; -Conscientização. |

Fonte: Dos autores

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No primeiro encontro entregamos um questionário de caráter qualitativo, no qual a questão de número 1 indagava o que o discente sabia acerca do esporte Pole Dance.

Identificamos que as respostas foram unanimidades no sentido de que o Pole Dance se tratava de uma “dança erótica”. Os alunos 2 e 6 apontaram ainda ser uma prática comum na “zona³”.

Já na segunda questão, perguntamos quem poderia praticá-lo. As respostas nos levaram a perceber que entre os 15 entrevistados, 14 acreditaram que qualquer pessoa poderia praticar, pois “é só ter força de vontade” (Aluno 12). Um fato curioso que se levantou acerca desta pergunta teve origem na resposta do Aluno 7, que afirmou: “uma pessoa com deficiência não consegue praticar, por exemplo sem a perna”. Nesse bojo, no segundo encontro, fizemos a exposição de um vídeo *on-line*⁴ que mostra a prática do Pole Dance por uma pessoa que não possui um membro superior, realizando movimentos na barra.

Na terceira questão procuramos saber se os alunos conheciam alguém que praticava o esporte e se outrora possuía vontade de o praticar, e obtivemos respostas entusiasmadas. Relataram não conhecer quem praticava, mas que já tinham assistido na televisão e na *internet* e isso havia despertado o interesse em participar desse projeto na escola, mas que nunca pensaram que realizariam, devido ao fato de não conhecerem locais que usufruem da prática desse esporte.

Na quarta questão, perguntamos se o Pole Dance pode ser praticado como esporte. As respostas apontam que os alunos não relacionam essa prática a um esporte. Entretanto, o aluno 1 descreve que o Pole Dance “pode ser praticado como qualquer outro exercício, mas é preciso ter força”.

Na quinta e última pergunta, os alunos foram questionados sobre suas expectativas acerca dessa possível modalidade esportiva. Ressaltamos que as respostas foram diversificadas, inclusive tivemos duas categorias de respostas. A primeira direcionada ao sentimento de querer “praticá-lo fora da escola” (Aluno 3). A segunda, com a necessidade de “sair do sedentarismo” (Aluno 11). A partir das respostas dos alunos, subentendemos que eles quiseram retratar o sentimento de acreditar na importância da prática do Pole Dance como uma possibilidade de atividade física, dentro e fora da escola.

Na segunda etapa iniciamos a prática do esporte (Pole Dance), para esse fim as aulas foram divididas em cinco dias. Destacamos que para cada dia foi sistematizado e desenvolvido um movimento característico do Pole Dance. Conforme descrevemos a seguir:

No primeiro dia, ensinamos as formas de posicionar-se na barra e a primeira aproximação com ela. Posteriormente, os alunos tiveram liberdade de criar suas próprias posições e aproximações sequenciais na barra. Para que fosse realizada esta aproximação,

³ Na região em estudo, o termo “zona” se refere a um estabelecimento destinado à prostituição.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=6QOpNbWRsXw>

propusemos uma pequena disputa “de melhor pose”, que seria avaliada pelo orientador da pesquisa, conforme mostra a figura 1.

Figura 1 – Posição na Barra



Fonte: Dos autores

No segundo dia, demonstramos movimentos utilizados no Pole Dance para andar ao redor da barra. Nesse aspecto, o discente deveria ficar em extensão máxima dos pés, caminhando sobre as pontas dos dedos, sem que o calcanhar tocasse ao chão, com uma mão na barra e outra realizando movimentos suaves. Foram ressaltadas nesta parte as características do balé, pois existe a semelhança no movimento (Figura 2).

Figura 2. Andar em volta da barra



Fonte: Dos autores.

No terceiro dia, criamos a oportunidade de os alunos conhecerem as potencialidades e os limites da sua própria força, e pedimos para que subissem na barra para sentir o seu peso corporal, para que pudessem projetar possibilidades de movimentos futuros.

Nesta etapa foi demonstrado que, para subir na barra, os membros superiores realizam o movimento de força maior e os inferiores acabam produzindo o apoio tanto na subida, quanto na fixação do movimento na barra, conforme pode ser visualizado na figura 3.

Figura 3. Subida na barra



Fonte: Dos autores

No quarto dia os alunos já dominavam habilidades para subir na barra, pois já estavam habituados com ela e já haviam realizado outros movimentos de forma autônoma.

Então propusemos que realizassem movimentos com maiores níveis de dificuldade. Por exemplo: utilizando a inversão na barra, movimento que requer ao aluno apoio na barra com o lado esquerdo da cintura; posicionamento dos pés distanciados um do outro na lateral, com a mão direita segurada mais acima da cabeça e a esquerda mais abaixo, próximo do rosto, de uma maneira que se sentissem mais seguros, pois se impulsionariam para cima com as pernas e se segurariam com as mãos, ficando de cabeça para baixo, passando as pernas por trás da barra.

Foi realizado primeiramente um trabalho no solo para estimular a segurança no movimento, conforme demonstrado na figura 4.

Figura 4. Inversão na barra

Fonte: Dos autores

No quinto e último dia, desenvolvemos um movimento que foi denominado de movimento “Tenner”. Nesse movimento, o aluno precisava subir na barra e, ao chegar na parte superior, numa altura aproximada a 2,5m, apoiava uma mão na barra e a outra na parte inferior do corpo e se fixava com as duas pernas, formando um ângulo de 90° com a barra.

Para realizar este movimento, auxiliamos os alunos com o uso de cadeiras durante a subida na barra, apoiando-os para se firmarem na barra. No momento em que o aluno começava a descida, o soltávamos gradativamente, para que pudesse ter autonomia no movimento, conforme pode ser visualizado na figura 5, a seguir.

Figura 5. Inversão de cima para baixo

Fonte: Dos autores.

Ao final do quinto dia, foi proposto aos alunos que preparassem uma apresentação com música e movimentos livres, criados a partir das suas vivências durante as aulas de Pole Dance. Para as apresentações, os alunos utilizaram músicas latinas e *hip hop* (Ver figura 6).

Figura 6. Movimento e dança



Fonte: Dos autores

Por fim, ao encerrar as apresentações práticas, entregamos um questionário com uma única pergunta aos alunos, a saber: qual sua percepção sobre o Pole Dance?

As respostas foram divididas em três categorias. Na primeira, os alunos 9 e 15 retrataram e insistiram que é um tipo de dança muito sensual. Na segunda categoria, os alunos 3 e 13 declararam que o Pole Dance pode ser uma prática de lazer. Na terceira e última categoria, formada pelos demais alunos, ficou evidenciado que em algum momento nas suas concepções que o Pole Dance é uma prática esportiva “diferenciada”, como por exemplo, na resposta do Aluno 7 ao apontar que: “O Pole Dance é um novo esporte incomum para nós, mas é legal”.

A Educação Física é uma disciplina que trabalha com as experiências e práticas corporais diversas, por isso é necessário sistematizar o esporte com vários sentidos (SANTOS et al., 2016; SEDORKO; FINCK, 2016). Nesse propósito, após analisarmos os questionários aplicados no primeiro momento, percebemos que os alunos definem o Pole Dance como uma prática plural e com vários significados, muitos relacionados a rótulos e estereótipos arraigados na sociedade. Destarte, o Pole Dance, enquanto esporte, como parte de uma cultura corporal, tornou-se diverso e, portanto, complexo.

Naturalmente, o Pole Dance pode ser classificado como arte, dança ou esporte. Nesse estudo foi classificado na perspectiva esportiva. Contudo, por ser uma prática da cultura corporal historicamente construída, é difícil pensar uma perspectiva esportiva totalmente separada das outras manifestações do ser humano, uma vez que elas aparecem de maneira heterogênea. E, portanto, apesar de focarmos o Pole Dance no contexto esportivo, não conseguimos excluir outras possibilidades.

O benefício da presença do esporte na vida de adolescentes, por exemplo, é uma problemática que acompanha a história de pesquisadores há décadas. Ações com ênfase na prática esportiva podem contribuir para as relações interpessoais; melhora a saúde física e mental; favorece o desenvolvimento da qualidade de vida; enfim, seja no âmbito cultural, biológico ou social, a lista dos benefícios é extensa (RIZZO; FONSECA; SOUZA, 2014). No entanto, a análise dos impactos diretos do esporte na vida de adolescentes pode colaborar efetivamente para a desmistificação de valores positivos e negativos que, por vezes, são atribuídos à prática esportiva. Portanto, consideramos que um professor influenciado pelo princípio e metodologia interacionista tende a ensinar diferentes práticas esportivas por meio de movimentos corporais semelhantes, agrupando-os em formas que levam em conta a lógica interna de cada ser. Acreditamos que desse modo o aluno entende a lógica do esporte mais facilmente e construirá as suas próprias ações motoras específicas, nesse caso, no contexto do Pole Dance.

Acreditamos que, pautados na teoria interacionista, buscando construir e interagir por meio do conhecimento das práticas corporais, nos motivamos durante a realização das aulas práticas, nos distanciando dos conhecimentos prontos e engessados, fugindo das regras tradicionais e da herança do mecanicismo que perdurou na história da Educação Física.

É impossível pensar no desenvolvimento humano e desconsiderar a dimensão do outro, da interação social, da interferência do meio, bem como das situações de aprendizagem que se efetivam e fazem o desenvolvimento avançar (VYGOTSKY, 1996). Nesse sentido, as aulas práticas de Pole Dance consideraram a bagagem cultural que os alunos possuíam e, desta maneira, iniciamos a construção de novos conhecimentos por meio da adaptação, que ocorreu a partir da interação entre os alunos, com estímulos recebidos no ambiente de ensino e aprendizagem, o que gerou um processo de assimilação sobre movimentos já existentes no Pole Dance e possibilitou a eles criarem novos esquemas, ou seja, novas estruturas para resolver os problemas que apareciam na criação de novas práticas corporais.

Ressaltamos também que os movimentos do Pole Dance são baseados em força e flexibilidade. Contudo, quando os discentes respondem ao questionário final, após as

apresentações, percebemos que, para a maioria dos alunos, o Pole Dance pode ser entendido como uma manifestação (modalidade) que desenvolve o “corpo inteiro”.

Nesse último momento do estudo foi possível constatar que os alunos passaram por dois tipos de aprendizagens (VYGOTSKY, 1996): 1- os espontâneos, adquiridos nos contextos cotidianos de atividade do sujeito, que nesse caso se reduziam a rótulos e estereótipos vinculados ao erotismo da prática do Pole Dance; 2- o científico, adquiridos por meio do ensino, como, por exemplo, os conceitos e a história do Pole Dance, que discutimos no decorrer dos cinco dias de aula.

Contudo, necessitamos compreender a interdependência entre ambos os conceitos, pois sem a influência do ensino, os conceitos espontâneos não chegariam a se estruturar como conceitos científicos, o que faz da aprendizagem na linguagem corporal um contexto de desenvolvimento. Inclusive, sem o apoio dos conceitos espontâneos, os científicos não teriam significações autênticas, pois seriam adquiridos de forma mecânica e sem reflexão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física Escolar é um cenário ideal para desenvolver novas vivências de hábitos saudáveis, de desenvolvimento motor, cognitivo e social, desta forma enriquece a cultura corporal de movimento dos alunos. A dança e o esporte são conteúdos da Educação Física previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Portanto, como vimos, o Pole Dance é uma vertente da dança e nesse estudo foi classificado na perspectiva esportiva, contudo é praticamente ignorada a possibilidade de sua realização nas escolas brasileiras, talvez por ser denominada por muitas pessoas apenas como uma dança erótica e sensual.

Nessa pesquisa procuramos indicar o contrário, pois além de estimular a força, equilíbrio, companheirismo, precisão, agilidade e coordenação motora, o Pole Dance é uma prática eficaz e prazerosa para se desenvolver nas aulas de Educação Física, favorecendo a origem de relações interpessoais, proporcionando e ampliando-se como uma prática corporal não convencional para o cotidiano escolar.

Assim, sustentados por uma pedagogia do esporte à luz da teoria interacionista, acreditamos que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois, mesmo não existindo modelos vigentes nos dias atuais, construímos uma possibilidade pedagógica para o ensino e aprendizagem do Pole Dance nas aulas de Educação Física, sobretudo nos moldes de uma prática esportiva condizente com a realidade da escola.

É necessário acentuar a questão da segurança na prática desse esporte, pois se trata de uma especificidade que envolve muita força e equilíbrio, o que exige do professor uma atuação direta na prática, zelando pela integridade dos alunos envolvidos na proposta.

Ressaltamos que no início da pesquisa ficou claro que a maioria demonstrou vergonha e/ou receio para realizar o movimento na barra, entretanto houve consideráveis ganhos no desenvolvimento dos alunos no que diz respeito à motricidade e, sobretudo, na superação da timidez e socialização entre os envolvidos nos desafios propostos.

Portanto, com a cooperação de todos os envolvidos superamos tal adversidade, pois observamos que cada discente que aprendeu/criou determinado movimento, também ajudava ao próximo a conseguir atingir seu próprio objetivo, auxiliando e evidenciando a autonomia de todos durante a aula, ficando claras e evidentes as trocas de conhecimentos entre professores e alunos.

Por fim, compreendemos que o Pole Dance é um esporte capaz de criar maneiras de “utilizar-se do próprio corpo”, seja para um fim artístico, esportivo e outros, se construindo exponencialmente por intercâmbios e ressignificações da cultura corporal de movimento.

REFERÊNCIAS

BARRETO, D. C.; PERFEITO, R. S. Motivação de crianças e adolescentes praticantes de esportes em projetos de inclusão social do Rio de Janeiro. **Motrivivência**, v. 30, n. 53, p. 152–163, 19 abr. 2018.

BENELI, L. M.; PRONI, M. W.; MONTAGNER, P. C. Desafios para a Pedagogia do Esporte diante da influência do marketing na configuração do esporte contemporâneo. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. 1, p. 2750–2750, 27 out. 2016.

BENTO, J. O. Do Desporto. In: TANI, G.; PETERSON, R. (Eds.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BETTEGA, O. B. Pedagogia do esporte: o jogo como balizador na iniciação ao futsal. **Pensar Prát. (Impr.)**, p. 487–501, 2015.

BORGES, R. M. *et al.* Diálogos sobre o ensino dos esportes: formação continuada por meio da pesquisa-ação. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 23, n. 3, p. 1025–1038, 30 set. 2017.

COSTA, L. C. A. DA *et al.* Educação física e esportes: motivando para a prática cotidiana escolar. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 23, n. 3, p. 935–948, 30 set. 2017.

DALBEN, A.; JÚNIOR, E. G. Embates esportivos: o debate entre médicos, educadores e cronistas sobre o esporte e a educação da juventude (Rio de Janeiro e São Paulo, 1915-1929). **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 1, p. 161–172, 29 mar. 2018.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FLORES, N. T. E.; RIZZO, D. T. S.; VALENÇOELA, L. P. Por uma pedagogia do treinamento esportivo infantil. **Revista Panorâmica**, v. 27, 2019.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989.

GALAK, E.; SERRA, M. S. Formando uma “escuela de campeones”: Deporte, moralidad, pedagogía y estética peronista. **Educación en Revista**, v. 35, n. 73, p. 49–65, fev. 2019.

GALATTI, L. R. *et al.* Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, n. 1, p. 153, 17 abr. 2014.

HOLLAND, S. **Pole dancing, empowerment and embodiment**. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2010.

KRAVCHYCHYN, C.; OLIVEIRA, A. A. B. DE. Prática pedagógica do esporte educacional no programa segundo tempo: uma construção coletiva. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. 1, 12 maio 2016.

MESQUITA, I. M. R.; PEREIRA, F. R. M.; GRAÇA, A. B. S. Modelos de ensino dos jogos desportivos: investigação e ilações para a prática. **Motriz rev. educ. fís. (Impr.)**, v. 15, n. 4, p. 944–954, dez. 2009.

MILISTETD, M. *et al.* Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas como componente curricular. **Journal of Physical Education**, v. 28, n. 1, p. 2849–2849, 16 ago. 2017.

PARIZZI, L. **Pole Dance Brasil: História do Pole Dance**. 2008.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013.

RIZZO, D. S.; FONSECA, A. M. L. F. M. DA; SOUZA, W. C. Desenvolvimento Positivo dos Jovens (DPJ) através do Esporte: perspectivas em países da língua portuguesa. **CONEXÕES: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 12, n. 3, p. 106–120, 17 nov. 2014.

RIZZO, D. T. DE S. *et al.* Educação Física Escolar e esporte: significações de alunos e atletas. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 2, 30 jun. 2016.

RIZZO, D. T. S. Esporte para todos ou quase todos? considerações sobre a prática esportiva educacional. 1. ed. Ponta Porã-MS: EdFAMAG, 2017.

SADI, R. S. **Pedagogia do esporte: descobrindo novos caminhos**. São Paulo: Ícone, 2010.

SANTOS, W. DOS *et al.* A relação dos alunos com os saberes nas aulas de Educação Física. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. 1, p. 2737–2737, 24 jun. 2016.

SCAGLIA, A. J. **A Pedagogia do esporte e as novas tendências metodológicas**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/246/a-pedagogia-do-esporte-e-as-novas-tendencias-metodologicas>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. **Pedagogia do Esporte**. São Paulo: Phorte, 2009.
 SEDORKO, C. M.; FINCK, S. C. M. Sentidos e significados do esporte no contexto da Educação Física escolar. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. 1, p. 2745–2745, 3 ago. 2016.

SOARES, A. J. G.; MILLEN NETO, A. R.; FERREIRA, A. C. A pedagogia do esporte na educação física no contexto de uma escola eficaz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 2, p. 297–310, jun. 2013.

SOARES, M.; SEVERINO, A. J. A prática da pesquisa no ensino superior: conhecimento pertencente na formação humana. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 23, n. 2, p. 372–390, out. 2018.

TANI, G.; BASSO, L.; CORRÊA, U. C. O ensino do esporte para crianças e jovens: considerações sobre uma fase do processo de desenvolvimento motor esquecida. **rev. bras. educ. fís. esporte**, v. 26, p. 339–350, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1996.

ZARDO, A. F.; SOUZA, J.; STAREPRAVO, F. A. Gestores do esporte e visões de política esportiva no Brasil (1937-2016): uma abordagem sociológica. **Motrivivência**, v. 30, n. 53, p. 119–133, 19 abr. 2018.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

RIZZO, D. T. S; MELO, R. Z; SOUSA, A. P. M; GOLIN. C. H. O Ensino do Pole Dance na Escola: Desafios e Possibilidades. **Rev. FSA**, Teresina, v.16, n. 6, art. 6, p. 121-139, nov./dez. 2019.

| Contribuição dos Autores | D. T. S. Rizzo | R. Z. Melo | A. P. M. Sousa | C. H. Golin |
|--|-------------------|------------|-------------------|-------------|
| 1) concepção e planejamento. | X | | X | |
| 2) análise e interpretação dos dados. | X | X | X | X |
| 3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo. | X | X | X | X |
| 4) participação na aprovação da versão final do manuscrito. | X | X | X | X |